

CDU 869.0 (81) Freyre. 06

SOBRE A PRESENÇA DO TRÓPICO NAS SEMINOVELAS DE GILBERTO FREYRE

Silvio Soares da Silva

CONFIGURAÇÕES TROPICAIS

Em novembro de 1918 o *Diário de Pernambuco* publica o primeiro artigo de Gilberto Freyre. Nesse artigo, em forma de carta, da série intitulada "Da Outra América", que faz parte do livro *Tempo de Aprendiz* e que reúne seus artigos de 1918 a 1926, Gilberto Freyre depois de descrever e analisar aspectos da cidade de Louisville, onde escreveu o artigo/carta e de considerar várias características de outras cidades americanas e dos costumes e da vida nos Estados Unidos, lamentando o início do outono naquele país com "uma cor de chumbo fumarenta", encerra esse artigo lembrando o Trópico. A sua luminosidade, a sua cor, o seu sol. Arrematando com as também recordações do Brasil – Brasil que foi o tema principal dos seus estudos –, e do Recife, onde nasceu, viveu a maior parte de sua vida e morreu.

O Trópico já referido nesse seu artigo, de ainda adolescente, mais tarde vai marcar a sua presença em quase toda sua trajetória de escritor. Escritor que juntou à sua sensibilidade criadora, todo um saber formal e universitário adquirido, sobretudo, fora do Brasil, mas sempre adaptado e voltado para a compreensão e o entendimento desta parte tropical do mundo.

Nesse artigo e nos que surgiram posteriormente, nessa fase, onde vez por outra, árvores, jardins, cores e temas tropicais foram tratados, Gilberto Freyre praticou aquilo que ele chamou de "uma quixotesca busca. Experimentos de adolescente. Adolescentismo.

Aventura de um adolescente brasileiro de província, estudante universitário no estrangeiro. Aventura. A procura de uma expressão literária diferente das consagradas”.

Naquele tempo de busca, de procura, de afirmação, Gilberto Freyre já apresentava a marca daquilo que também seria uma das tónicas de sua personalidade de escritor: a inovação. Ele não somente inovou a maneira de pensar do Brasil, mas fez isto através de estilo literário muito seu.

Apesar de o nosso propósito ser o de registrar a presença do Trópico nas seminovelas de Gilberto Freyre não podemos deixar de fazer referência, vez por outra, à sua linguagem. Porque foi sobretudo como escritor que se afirmou e era como ele próprio se considerava: “O que principalmente sou? Creio que escritor. Escritor literário. O sociólogo, o antropólogo, o historiador, o cientista social, o possível pensador são em mim ancilares do escritor. Se bom ou mau escritor é outros assunto”. Foi o que disse no seu livro *Como e por que sou e não sou sociólogo*.

Não pretendemos analisar ou interpretar o tropicalismo de Gilberto Freyre em sua vasta obra de escritor. Como já dissemos, nosso objetivo é simplesmente o de registrar a presença do Trópico ou do tropical nas suas seminovelas. Entretanto, desejamos fazer uma rápida incursão através de alguns caminhos que ele percorreu para chegar a essas seminovelas marcadas pela presença tropical.

O Trópico impregnou o pensamento de Gilberto Freyre desde os tempos da formação acadêmica do escritor. Antes mesmo de *Casa-Grande & Senzala* já se debruçava sobre assuntos caracteristicamente tropicais.

Não somente em artigos ou ensaios manifestou essa característica, mas também em sua poesia. A partir principalmente do seu poema de 1926 “Bahia de todos os Santos e de Quase Todos os Pecados”, onde as sugestões tropicais transbordam do texto numa torrente de imagens ricamente sugestivas, dentro daquela concepção poética esboçada por Amy Lowell, que tanta influência exerceu sobre o autor de *Dona Sinhá e o Filho Padre*, no tempo em que realizava, nos Estados Unidos, seus estudos superiores, frequentando as universidades de Baylor e Colúmbia, tema, aliás, desenvolvido por Odilon Ribeiro Coutinho, em artigo publicado no *Diário de Pernambuco* sob o título “O Imagismo de Amy Lowell”.

Passemos a um dos trechos do poema, onde essas sugestões tropicais são evidentes:

“gente da Bahia!
preta, parda, roxa, morena
cor dos bons jacarandás de engenho do Brasil
(madeira que cupim não rói)
sem rostos cor de fiambre

nem corpos cor de peru frio
 Bahia de cores quentes, carnes morenas, gostos picantes
 eu detesto teus oradores, Bahia de Todos os Santos
 teus ruisbarbosas, teus otaviomangabeiras
 mas gosto de tuas iaiás, tuas mulatas, teus angus
 tabuleiros, flor de papel, candeirinhos,
 tudo à sombra das tuas igrejas
 todas cheias de anjinhos bochechudos
 são jões sãojosés meninozinhosdeus
 e com senhoras gordas se confessando a frades mais ma-
 gros do que eu”.

Não somente em “Bahia de todos os Santos e de Quase todos os Pecados” a sua poesia foi marcada pelo Trópico. Em “O Outro Brasil”, por exemplo, diz:

“Eu ouço as vozes
 Eu vejo as cores
 Eu sinto os passos
 de outro Brasil que vem aí
 mais tropical
 mais fraternal
 mais brasileiro”.

Poema, aliás, antecipador de sua esperança e do seu otimismo, que surgirá em seus estudos posteriores de maneira mais efetiva, sobre o futuro da civilização tropical.

Outro momento dessas antecipações de tropicalismo está no *Livro do Nordeste*, comemorativo do 1º Centenário do Diário de Pernambuco, em 1925, onde Gilberto Freyre, na qualidade de seu organizador, possibilita a prática de princípios da Tropicologia, já naquele momento em formação, que se manifesta nessa obra coletiva através das interpretações de vários autores sobre a realidade do Nordeste.

Maria do Carmo Tavares de Miranda, em seu estudo “Sobre o Seminário de Tropicologia” publicado pela revista *Ciência & Trópico*, crê poder dizer que “*O Livro do Nordeste* é, por direito, o precursor do Seminário de Tropicologia, uma como que primeira exposição, teórico-prática, da obra coletiva comandada por Gilberto Freyre e interpretada por vários outros autores, somando-se assim, aspectos interdisciplinares, sobre uma mesma realidade. No caso era o Nordeste e a história de nossa cultura, a brasileira.”

Mais adiante, ainda sobre *O Livro do Nordeste*, Maria do Carmo Tavares de Miranda assim se manifestou: “Nele estão presentes o pluralismo metodológico e a Tropicologia em exercício de exposições, confrontações, sobre o cotidiano vivido pelo homem em sua

inserção mais próxima, a da cidade, a do estado, a da região. É a primeira síntese de aplicação interrelacionada de saberes, expostos por diversos especialistas sobre o homem, o trabalho, o lazer e o equilíbrio ecológico".

Só para fazer um rápido registro podemos dizer que esse pluralismo metodológico referido pela autora do estudo "Sobre o Seminário de Tropicologia" é também outra característica da obra de Gilberto Freyre. *Casa-Grande & Senzala*, por exemplo, é um livro marcado por esse pluralismo metodológico, pela interpenetração de métodos. Reúne a um só tempo o método sociológico, o socio-anropológico, o histórico social, o psicossocial.

O Manifesto Regionalista do Recife, de 1926, elaborado por Gilberto Freyre, é também outro instante vivenciado pelo autor das seminovelas em que o Trópico é valorizado.

Em trecho do prefácio da edição comemorativa do seu cinqüentenário Gilberto Freyre assim se expressou: "Insista-se na sua influência, desde o seu aparecimento, sobre a arquitetura, sobre a culinária e a doçaria brasileiras, sobre os jogos e brinquedos de crianças, as recreações de adultos, os cultos religiosos populares, os estudos geográficos (geografia regional) e sociológicos (sociologia regional, ecologia social), antropológicos (antropologia tropical), a medicina (medicina tropical) a farmacopéia, a crítica literária, a crítica de arte, os estudos históricos, os rumos da educação, da primária à universitária, atendendo a diferenças de situação regional dos brasileiros, os planos, hoje interregionais, e segurança nacional e de desenvolvimento econômico, a arborização de cidades, o planejamento urbano como planejamento regional".

Cremos que é bom lembrar, aqui, que partiu de Gilberto Freyre a iniciativa da criação da Semana da Árvore, em 1926, conforme ele próprio assinala no seu livro *Tempo Morto e Outros Tempos*. Aliás, Edson Nery da Fonseca em conferência pronunciada na V Reunião Ordinária de 1988 do Seminário de Tropicologia, sobre "Os Tempos da Tropicologia" disse que "fala-se muito, hoje em dia, em defesa do meio ambiente, sem fazer-se a Gilberto Freyre a justiça de reconhecer seu pioneirismo nessa tão oportuna campanha de restauração entre o homem e a natureza".

Mas voltemos às palavras de Gilberto Freyre no prefácio à publicação do *Manifesto Regionalista*: "E não é exagero insistir-se em que foi sua a dinâmica que suscitou - repita-se - certa poesia de Jorge de Lima, alguma de Manuel Bandeira, outro tanto da de Mauro Mota e não apenas da de João Cabral de Melo Neto. E ainda o chamado "romance do Nordeste", de presença tão marcante na literatura brasileira desde o aparecimento de *A Bagaceira*".

Romance do Nordeste que dança, também um, José Lins do Rego, tão influenciado por Gilberto Freyre, e que em prefácio ao livro *Região e Tradição* falando sobre o seu encontro com o autor de *O Outro Amor do*

Dr. Paulo e sobre a influência que dele recebeu, disse: "Para mim tivera começo naquela tarde do nosso encontro a minha existência literária". Adiante acrescenta: "Começava assim a existir para mim um outro mundo, o mundo das idéias, o mundos das artes. O Brasil era o grande e constante motivo de Gilberto Freyre. Era o Brasil o que ele queria sentir de mais perto. O retorno do nativo assumia no seu caso um relevo dramático. É que lá de fora nos seus estudos, nas suas saudades, nas suas pesquisas, o seu grande tema se tornara, no fim dos seus cursos, a vida brasileira nos seus mais íntimos detalhes".

Continuando a falar sobre essa influência, José Lins do Rego afirma: "É assim Gilberto Freyre. É o revelador de vocações, o animador. Posso dizer sem medo que a ele devo os meus romances, ao seu constante e benéfico convívio o ânimo para não parar, não desistir. Foi assim com seus grandes amigos Olívio Montenegro, Cícero Dias, Luís Jardim, Sílvio Rabelo, Luís Cedro".

Como podemos observar, o tropicalismo de Gilberto Freyre começou já fazendo escola. Poetas, contistas, romancistas pintores foram influenciados em suas formas de expressão artística pelo ambiente e pelos valores tropicais tão enfaticamente estudados por Gilberto Freyre, ao mesmo tempo em que de uma maneira mais prática certos arquitetos, cientistas, planejadores, alguns dos responsáveis, por exemplo, pela cozinha, pelo lazer e pela educação brasileiras foram também sensibilizados pelas suas sugestões tropicais no desempenho de suas atividades.

ESPAÇO FICCIONAL

Os contos de Gilberto Freyre, também, apesar de poucos, não são alheios às sugestões tropicais. Em "Calor, Avô e Neta", por exemplo, pode-se notar através das reações de Azevedo, personagem do conto, verdadeiro especialista em assuntos de calor, essas sugestões: "Azevedo guardava boas recordações dos seus três meses de Paris porém, nada de exagero: o certo era Paris lá, e ele, Azevedo, aqui, no calorzinho do seu Brasil e sob o encanto de certas mulheres de cor, consolo de sua viuvez. Talvez fosse excessivo no seu gosto pelo calor. Mas ele bem sabia discriminar: havia calores e não calor. Azevedo se considerava um colecionador de sensações de calor. De várias espécies de calor".

O Trópico é também valorizado nesse conto quando o autor traça o perfil da personagem Maria de Jesus, neta de Azevedo: "Uma moreninha bem do trópico, a Maria de Jesus. Cabelinho muito preto. Olhinhos muito pretos. Nada de boneca loura, das que a França exportava tanto para o Brasil, fazendo as meninas brasileiras - filosofava Azevedo - desejarem ser, mães de filhos também louros".

Na ficção gilbertiana a temática tropical será aprofundada pelo autor em suas duas seminovelas, *Dona Sinhá e o Filho Padre* e *O Outro Amor do Dr. Paulo*.

Nessas duas seminovelas o autor reconstrói, proustianamente, período da formação brasileira, inserida na realidade tropical, realidade esta que acompanha muitos dos personagens que são, na Europa, protagonistas de *O Outro Amor do Dr. Paulo*.

Unindo o ficcional ao ideal Gilberto Freyre além de contar histórias de personagens por ele criados faz também história social com a participação de pessoas-personagens, onde o verossímilante e o verdadeiro se interpenetram no processo criativo com o Trópico quase sempre inserido na narrativa.

O crítico e romancista Edilberto Coutinho em tese de doutoramento – *A Imaginação do real – uma leitura da ficção de Gilberto Freyre* – ao referir-se a *Dona Sinhá e o Filho Padre* opina que no autor dessa seminovela “não parece haver a intenção pura e simples de contar a história de uma “sinhá” pernambucana, viúva, jovem e educada em colégio de freiras francesas, e de seu filho quase padre – o rapaz é um seminarista que morre antes de ordenar-se –, mas de inserir, em meio à ação ficcional, observações de relevância dramática sobre alguns aspectos da formação e decadência da família patriarcal brasileira, ainda com fortes resquícios do sistema escravocrata, na época evocada”.

Antonio Carlos Vilaça em prefácio a esse livro de Edilberto Coutinho dá ênfase ao hibridismo de Gilberto Freyre: “Nas duas seminovelas gilbertianas, o histórico invade a história. Há um hibridismo orgânico, uma ambigüidade que é tipicamente de Gilberto. Pois Gilberto é um autor conscientemente misto. E profundamente autobiográfico”.

O Trópico que foi valorizado por Gilberto Freyre desde os seus anos de juventude através de seus artigos de jornal e em seguida na sua poesia, na sua ensástica, na sua pintura, também marcadas por cores, formas e temas tropicais, continuará a ter presença marcante na sua ficção.

A ação ficcional de sua primeira seminovela, *Dona Sinhá e o Filho Padre*, transcorre sobretudo no Recife, cidade eminentemente tropical. A “Dona Sinhá”, misto de pessoa e personagem, cremos poder simbolizar um tipo bem brasileiro de mulher característico de certo período da formação brasileira desenvolvida em espaço tropical. O seu filho “José Maria”, por sua vez, criado com o ânimo de se tornar padre parece refletir aspectos do ambiente católico-patriarcal, onde muitas mães criavam os filhos com essa finalidade – a de fazê-los padre.

O caso específico de “José Maria”, filho único de “Dona Sinhá”, criado como um “sinhazinha”, misto de menino e menina, amigo de “Paulo Tavares”, um dos personagens principais da pri-

meira seminovela e também da segunda, que se apaixonou pelo quase padre, está marcado por circunstâncias especiais que envolvem a sua situação de filho único e a de sua mãe, viúva, viúva ortodoxa, entusiasta da "Questão dos Bispos" e admiradora de Dom Vital. De um Dom Vital cuja ação e traços de personalidade ainda se projetavam à época do nascimento de "José Maria", ao ponto de sua mãe talvez pensar em fazer do filho um novo Dom Vital Maria. É o que parece ter sido o pensamento de sua mãe, sobretudo depois da morte do marido, um paraense, bacharel e burocrata, mais entusiasta de plantas medicinais da Amazônia, que tão bem conhecia, que dos santos e da igreja, mas que, mesmo sem muito fervor acompanhou a mulher no seu interesse pela "Questão dos Bispos".

"Quando o paraense, num dia de chuva triste e úmido, desses que chegam a fazer do Recife uma cidade que quisesse voltar a ser holandesa e Calvinista, morreu de um volvo, contra o qual nada puderam nem as plantas do Amazonas, nem a ciência dos médicos do Recife, nem as rezas sinceras da mulher, ainda moça, sentiu que ressurgia nela o antigo afã de ser mulher mais de deus que do mundo. Havia o filho para obrigá-la a ser dona-de-casa e a cuidar do cotidiano doméstico. Mas se o filho viesse a querer acompanhar a Mãe na devoção à Virgem Maria? Desde então foi ao que intensamente se dedicou Dona Sinhá: a procurar fazer do filho um filho da Virgem Santíssima consagrado inteliramente ao seu serviço. Talvez um novo Dom Vital Maria. Dom José Maria. Frei José Maria. Padre José Maria. Até que a doença do menino, a promessa à Virgem, cura do doentinho, dramatizaram o desejo da Mãe de que ele se tornasse padre".

Foi nessas circunstâncias e sob esse ânimo de vir a ser padre que "José Maria" viveu a sua infância e cresceu, tendo morrido, ao que parece, de febre tifóide. Doença que, apesar de cosmopolita, poderá ter nos países tropicais, em virtude de problemas higiênicos, condições mais favoráveis ao seu aparecimento, segundo informações do médico tropicalista Ruy João Marques.

"José Maria" além dos cuidados da mãe, também era atendido pela "negra Inácia", espécie de mucama, que cuidava do menino, tirava-lhe bichos-de-pé, contava-lhe estórias, falava-lhe de tropicalíssimas mães d'água, de lemanjá. De uma lemanjá que a "Dona Sinhá" se apresentava como uma espécie de rival, rival mística, mas mesmo mística não deixava de ser rival dela e da própria Virgem, por sentir talvez "o perigo de ver o filho seduzido por essa sereia quase tão adorada dos pescadores de São José do Ribamar como a própria Mãe de Jesus".

Dona Sinhá e o Filho Padre, cuja primeira edição foi publicada em 1964, é uma seminovela marcada pela presença de elementos e valores tropicais: Recife, Olinda, engenhos, casas-grandes, móveis de jacarandá, mucamas, iaiás, santos tratados com intimidade pelos seus devotos, promessas, manifestações de ordem sexual ligadas ao

ambiente patriarcal, plantas medicinais do Trópico, aves tropicais, frutos tropicais, comida regional, banhos de rio, carnavais do Recife, subúrbios do Recife – Ponte d’Uchoa, Poço da Penela, Apipucos. E mais, um Dom Vital verdadeiro amarelo de Goiana, conforme considerava-o “João Gaspar”, irmão de “Dona Sinhá”, com pés de moça e mãos de mulher, mas tão viril no vigor com que defendeu a Igreja contra as investidas da maçonaria num verdadeiro ato de heroísmo de religioso brasileiro, que no seu caso superou limitações pessoais.

Destaque-se, ainda, um aspecto relevante na trama ficcional dessa seminovela, “Dona Sinhá”, tipo representativo de um contexto social, no caso patriarcal nordestino, casa-se com um brasileiro do Norte do país, de região eminentemente tropical. Está assim implícito no relacionamento mais íntimo dos personagens as intenções do autor em ressaltar o mais enfaticamente possível os elementos de uma realidade tropical.

Por sua vez, na segunda seminovela, *O Outro Amor do Dr. Paulo*, a despeito de sua ação ficcional transcorrer principalmente em Paris, os temas tropicais continuam a ser considerados.

Eles vão emergir, por exemplo, na Europa, a partir dos encontros do narrador com “Roberto Camargo”, seu principal informante. Dos contactos de “Paulo Tavares” com esse mesmo “Camargo”, seu amigo que, como ele, foi para Paris estudar Medicina, e das relações de amizade de ambos com ex-titulares do Império voluntariamente exilados na Europa, sobretudo em Paris, em decorrência de mudanças na ordem social brasileira: a Abolição e a República.

“Camargo” é um brasileiro afrancesado que mora há quarenta anos em Paris e que a despeito de todo esse tempo na França continuava brasileiro.

Essa sua tendência para permanecer brasileiro mesmo depois de tantos anos fora do Brasil, sem ter nunca voltado ao seu país, ficou evidente quando ao passar diante de uma vitrine que exibía um peru assado disse no seu português cheio de “rr” franceses “Que deliciosa roupa-velha se poderia fazer desse peru! Eu não dispensei roupa-velha: ensinei a uma senhora francesa como fazer esse prato brasileiro que não dispensei. Peru novo não tem gosto. Perú bom é peru do dia seguinte, como roupa velha, junto com farofa do nosso Brasil”.

Aliás, uma das características dessa segunda seminovela que pretendemos examinar é a da transposição de valores e elementos tropicais para espaços não-tropicais, merecendo atenção o comportamento de certos personagens que através de recordações continuam de certa maneira ligados ao Brasil.

Vejamos a esse respeito o comportamento, um tanto caricatural, do “Barão de Itaingá” ao se deslocar do Brasil para a Europa, de onde pensava não mais voltar, segundo informações de “Camargo”, nesse trecho longo que vamos citar: “Trouxera, com a família,

mucama de estimação e escravo pajem para o serviço doméstico dele e dos seus. Trouxera sacos de feijão e sacos de farinha. Trouxera charque do Rio Grande. Trouxera latas de goiabada e caixas de marmelada. Trouxera fumo picado do seu próprio fabrico: cigarros teluricamente de palha. Trouxera charutos. Trouxera vidros de pimenta. Frascos com temperos: dos capazes de resistir ao tempo. Trouxera juá com que ele se acostumara a escovar os dentes. Remédios a que se habituara: xaropes, elixires, infusão de ervas brasileiras. Remédios para tosse, para o fígado, para o estômago, para inflamação, para dor de ouvido, para os olhos. Molhos de cheiros também de plantas tropicais para perfumar interiores de guardarroupa, de cómodas, de estantes. E mais: romances de José de Alencar e Machado de Assis, poesias de Gonçalves Dias. Canela em pó, deliciosamente aromática, feita em casa. Erva-cidreira, flor de sabugueiro, infusão de mastruço. Trouxera, vencendo dificuldades de entrada na França, gaiolas com passarinhos: canários-do-império, pois, um tanto sadista, o Barão até gostava de brigas de galo, um sabiá gongá com que o presenteara senhor de engenho, também Barão, de Pernambuco: um galo-de-campina, uma arara. Imagens de Santos de particular devoção dele, da baronesa e da filha e também uma Nossa Senhora dos Navegantes, outra da Aparecida, um S. José de Botas, o Cristo de Marfim, que herdara do avô, capitão-mor. Trouxera as esporas de prata que foram do pai, colheres, talheres e bandejas de prata de sua mãe, o velho álbum de família de capa de madrepérola com fotografias de pais, avós, tios, filhos – a filha viva, o filho que morrera anjo, e o outro que ficara no Brasil, já bacharel em Direito, e de idéias um tanto diferentes das do pai, amigo de um mestiço de muito talento e ainda maior ambição chamado Nilo Peçanha. Sentimental e telúrico – trouxera o Barão de Itaingá – aparentemente um secarrão e até um homem ríspido e de decisões extremas – um pequeno saco com terra do Engenho Santa Inês, durante anos seu reduto de Senhor quase feudal”.

Ainda sobre a transposição de valores tropicais para outros espaços, através de comportamentos de indivíduos marcados por formas de vida e convivências tropicais, destaque-se, a propósito, o comportamento do “Barão do Rio Branco” na trama novelesca de *O Outro Amor do Dr. Paulo*. O velho Paranhos, servindo na Inglaterra, nunca deixou, quando em Paris, em visitas periódicas à capital francesa, de saborear gulosamente feijoada brasileira, a exemplo do que faziam outros ex-titulares do Império, exilados voluntariamente na Europa, após o pronunciamento republicano de 15 de novembro de 1889.

Recorda-se ao longo daquela seminovela, que o “Barão do Rio Branco” desprendia-se “do fraque diplomático” e “em mangas de camisa”, portanto tropicalmente, preparava-se para deglutir opulenta feijoada, cena que deixava aturdido o afrancesado “Carmargo”.

Após os primeiros dias de sua viagem de regresso do Brasil a Paris, incentivado por "Camargo", "Paulo Tavares" procura superar suas tristezas fazendo novas amizades com pessoas ligadas aos barões brasileiros exilados na França. É assim que conhece "Maria Emília", filha do "Barão de Itaingá" e sua amiga "Maria Francisca", filha da "Baronesa de Três Barras".

Ambas morenas, muito brasileiras, mas cada uma com as suas preferências particulares. "Se a Maria Emília encantava de modo particularíssimo a pintura, a escultura, a música, os jardins, as flores, a Maria Francisca eram outras as artes que mais a seduziam: ao mesmo tempo artísticas e práticas como a da renda a da costura, a da cozinha".

Elas ao longo da seminovela, têm oportunidade de demonstrar suas habilidades artísticas por ocasião das recepções realizadas em suas casas, ora cantando modinhas brasileiras acompanhadas ao piano, ora opinando sobre arte, ora se esmerando no preparo de pratos regionais, galinha ao molho pardo, por exemplo, servida em meio a conversas sobre o Brasil, e ao final acompanhadas de doces, licores e café brasileiros.

Passado algum tempo, depois de aprofundada a amizade com as sinhazinhas, "Paulo" e "Camargo" realizam com elas viagem ao Norte da Europa, em companhia, também, da "Baronesa de Três Barras". A essa viagem seguiram-se outras, realizadas pelo mesmo grupo, também pela Europa, inclusive, com a participação do "Barão de Itaingá".

Nessas viagens "Paulo" funcionou como uma espécie de guia erudito, entendido como era em artes, sempre muito ouvido e admirado e sempre entusiasmado nas aproximações que podia fazer com o Brasil: morenas do Sul da Espanha, odores de frutas em Nápoles, a paisagem da Grécia com alguma coisa de tropical, com verdes que lembravam os verdes da vegetação brasileira. Aliás "Paulo" pretendia escrever um livro sobre a Grécia.

Logo na primeira viagem ao Norte da Europa, "Camargo" notou que "Paulo" começava a dar atenções especiais a uma das filhas do "Barão" - "Maria Emília" - talvez desejando superar o amor frustrado por "Dona Sinhá", que tinha idade de ser sua mãe, procurando, agora, amar uma outra mulher, mas desta vez com idade de ser sua filha.

As observações de "Camargo" foram procedentes. Passado algum tempo, "Paulo" casa-se com "Maria Emília". Vale destacar que em lugar de se interessar por mulher européia, loira, se apaixonou por essa sinhazinha, tipo de "jeune fille" do trópico brasileiro. Cremos ser oportuno destacar uma espécie de perfil de "Paulo Tavares" delineado, segundo informações de "Camargo" para que se compreenda melhor as suas motivações amorosas em relação a "Ma-

ria Emília", provavelmente advindas de suas origens, das suas vivências e convivências de meninice e juventude em espaço tropical brasileiro.

"Além do que, fora, desde menino, brasileiro eugênico. Brasileiro moreno de boa, de excelente saúde. Criado em muito contacto com a natureza tropical. Muito sol. Muito banho de rio. Férias em velhos engenhos de amigos do pai. Camaradagem com meninos, como ele, educados meio à europeia, meio à brasileira e filhos de outros comissários do açúcar. Filhos de aristocratas dos canaviais. Seus primeiros namoricos haviam sido com as futuras sinhazinhas, também filhas de senhores de engenho e de comissários ou armazémários de açúcar: a aristocracia pernambucana da época. Sua iniciação sexual se fizera com mulatas bonitas e limpas, também de engenhos, talvez suas parentas. Talvez suas primas. Formação endogâmica. Quase incestuosa. Moreno quase sempre entre morenas de qualidade. Daí nunca se ter entusiasmado de todo por europeias ruivas ou de olhos azuis. Nem por arianas, por nórdicas, nem por alvas judias como a chamada Rachel de olhos tristes com quem teria uma ligação em Paris".

"Paulo" e "Maria Emília", conforme planejaram, casam-se em ambiente rural brasileiro, na capela da patriarcal casa-grande do "Barão de Itaingá", realizando, em seguida viagem de lua-de-mel pelo Brasil.

Fazem, assim, aquilo que tanto planejaram: o casamento e o reencontro com a natureza tropical brasileira. Revêem lugares e pessoas amigas, sentem-se muito felizes em ambiente tão deles. O projeto de "Paulo" escrever um livro sobre a Grécia – Um Brasileiro na Grécia – é substituído pela idéia de escrevê-lo sobre o Brasil, durante essa viagem, provavelmente por maior identificação com as suas origens tropicais, a despeito de sua já prolongada permanência no estrangeiro.

Mas em meio às alegrias dessa viagem "Paulo" defronta-se com uma fatalidade. No Brasil, naquele momento, grassava um surto de febre amarela, que aliás vinha lhe preocupando, pois como médico que era conhecia a gravidade, dessa doença, que tão tragicamente atingiu "Maria Emília" causando-lhe a morte.

Destaque-se mais este aspecto relevante na seminovela em que o seu autor mesmo diante da morte dá realce ao seu tropicalismo, pois "Maria Emília", como foi visto, é atingida de maneira fatal pela febre amarela, doença que se manifesta de forma mais grave e mais freqüente em zonas tropicais, uma doença quase do Trópico.

Ao longo dessas breves considerações sobre a presença do Trópico nas seminovelas de Gilberto Freyre, cremos ser possível assinalar que esse tropicalismo tem origens remotas. O tropical impregnou o seu pensamento desde os tempos de sua formação acadêmica. Antes mesmo de *Casa-Grande & Senzala*, conforme vimos,

ele já se debruçava sobre assuntos caracteristicamente tropicais, aspecto que, oportunamente, esperamos considerar de maneira mais ampla, para um melhor entendimento do seu tropicalismo.

BIBLIOGRAFIA

- COUTINHO, Edilberto. *A Imaginação do Real – Uma Leitura da ficção de Gilberto Freyre*. Rio: José Olympio, 1983.
- COUTINHO, Odilon Ribeiro. O Imaginismo de Amy Lowell. *Diário de Pernambuco*, Recife, 24 jan. 1988.
- FONSECA, Edson Nery. *Os Tempos da Tropicologia* (Conferência pronunciada na V Reunião Ordinária do Seminário de Tropicologia da Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 1988).
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Rio: José Olympio, 1983.
- . Calor, Avó e Neta. *Ele Ela*, Rio, (76/77): 131/138, ago-set. 1975 (Impresso em Caderno especial para o número de aniversário da revista).
- . *Como e por que sou e não sou sociólogo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1968.
- . *Dona Sinhá e o Filho Padre*. Rio: Edições Ouro.
- . et alii. *Livro do Nordeste*, Recife: Arquivo Público Estadual, 1978.
- . *Manifesto Regionalista*. Recife: IJNPS, 1976.
- . *O Outro Amor do Dr. Paulo*. Rio: José Olympio, 1977.
- . *Região e Tradição*. Rio: Gráfica Record Editora, 1968.
- . *Tempo de Aprendiz*. São Paulo: IBRASA/INL, 1979.
- . *Tempo Morto e Outros Tempos*. Rio: José Olympio, 1975.
- MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. Sobre o Seminário de Tropicologia. *Ciência & Trópico*, Recife, vol. 11 (1): 47-69, jan/jun. 1983.